

Análise crítica de conteúdo, neurociência e a crítica ao interpretativismo

Critical Content Analysis, Neuroscience and the Critique of Interpretivism

Análisis crítico de contenido, neurociencia y la crítica al interpretativismo

Jeferson Antunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Crato/CE-Brasil
Bernadete de Souza Porto
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Fortaleza/CE-Brasil

Resumo

A análise de conteúdo é uma técnica utilizada para interpretar a superfície dos discursos, propondo uma sistematização acerca da fala de participantes da pesquisa. Essa técnica tem sido criticada por sua natureza artificial de análise, quando associada ao interpretativismo, distanciando a análise da materialidade que constitui esses discursos. Em vista a contribuir com essas lacunas, o presente estudo toma por base as contribuições da neurociência e do materialismo histórico-dialético, convergindo ao objetivo principal de propor uma análise crítica de conteúdo a partir das contribuições da neurociência. Desse estudo metodológico são apontadas diretrizes que conduzem as unidades de análise, descrição, categorização e contexto dos discursos analisados; convergindo na análise crítica de conteúdo em bases neurocientíficas.

Palavras-chave: Análise de discurso; Neurociência; Materialismo histórico-dialético.

Abstract

Content analysis is a technique used to interpret the surface of discourses by systematizing participants' speech. It has been criticized for its artificial nature of analysis when associated with interpretivism, which moves the analysis away from the materiality of the analyzed discourses. In order to bridge these gaps, this study builds on contributions from neuroscience and historical-dialectical materialism to propose a critical content analysis based on neuroscience contributions. From this methodological study, guidelines are proposed which direct the units of analysis, the description, categorization and contexts of the analyzed discourses, converging in the critical content analysis based on neuroscience.

Keywords: Discourse analysis; Neuroscience; Historical-dialectical materialism.

Resumen

El análisis de contenido es una técnica utilizada para interpretar la superficie de los discursos, proponiendo una sistematización acerca del habla de participantes de la investigación. Esta técnica viene siendo criticada por su naturaleza artificial de análisis, cuando se asocia al interpretativismo,

distanciando el análisis de la materialidad que constituye estos discursos. Con vistas a contribuir a estas lagunas, el presente estudio toma como base los aportes de la neurociencia y del materialismo histórico-dialéctico, convergiendo en el objetivo principal de proponer un análisis crítico de contenido a partir de los aportes de la neurociencia. De este estudio metodológico se señalan directrices que conducen las unidades de análisis, descripción, categorización y contexto de los discursos analizados; convergiendo en el análisis crítico de contenido en bases neurocientíficas.

Palabras clave: Análisis de discurso; Neurociencia; Materialismo histórico-dialéctico.

1. Introdução

A análise de conteúdo tem como sua principal referência a pesquisadora Laurence Bardin, com seu livro análise de conteúdo (BARDIN, 1977), publicado originalmente em 1977 em língua portuguesa. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo utiliza da leitura dos discursos classificáveis em categorias, que podem ser expressas de forma quantitativa, para se compreender aquilo que está por trás dos discursos.

Essa é uma técnica sistemática de classificação, que toma por base o sentido daquilo que foi expresso, em vista a sintetizar esses discursos através de rótulos que se tornam a unidade de análise (Bardin, 1977) por parte de pesquisadores e pesquisadoras.

Uma das epistemologias que tem sido mais empregadas na análise de discurso é a fenomenologia, através do interpretativismo, que dá sentido ao conteúdo do discurso a partir de uma pretensa relação heterônoma (Moustakas, 1994; Van Manen, 1990) na relação sujeito-objeto-sujeito, que tem sido alvo de críticas por sua natureza artificial de análise.

Diversas outras epistemes tem contribuído para dar sentido a esse processo de classificação e interpretação, no entanto, as abordagens críticas acabam por se debruçar acerca da análise de discurso (PÊCHEUX, 2015a, 2015b; PAVEAU, 2013) e pouco tem contribuído para repensar a análise de conteúdo (Wetherell; Taylor; Yates, 2001).

Não apenas epistemologias, mas diversas áreas da ciência têm contribuído para que possamos compreender o que é e como se evocam os discursos. Uma das contribuições fundamentais é a da neurociência, que se debruça sobre como nosso comportamento e funções cognitivas é influenciado pelo cérebro. Os discursos, nesse sentido, são estabelecidos a partir da nossa relação com o mundo e, portanto, perpassam o cognitivo e o comportamental (Bartlett, 1932).

O entendimento do ser humano, dessa forma, não está restrito a superfície do discurso, uma crítica comum a análise de conteúdo (Wetherell; Taylor; Yates, 2001; Morgan,

1993; Potter et al, 1990), mas a uma série de determinantes que convergem e tomam sentido no discurso proferido ao qual, são investigadas também pela neurociência.

Nesse sentido, visando mitigar essas críticas, seria possível propor diretrizes para uma análise de conteúdo crítica a partir das contribuições da neurociência?

Em vistas a contribuir com essa pergunta de pesquisa, o presente estudo tem por objetivo principal propor uma análise crítica de conteúdo a partir das contribuições da neurociência. Tendo por demais objetivos discutir as contribuições da metamemória e dos esquemas mentais na constituição dos discursos e realizar uma crítica ao interpretativismo em oposição ao materialismo histórico-dialético como abordagem crítica.

Constituindo uma técnica de análise muito empregada nas ciências humanas e sociais, a análise de conteúdo aplicada para examinar discursos de participantes da pesquisa, deve estar sob o crivo da ciência. O papel da metodologia, como um campo próximo da filosofia da ciência, está em discutir e abstrair as possibilidades que os métodos e técnicas de pesquisa tem ao serem empregados.

Assim, o presente estudo se justifica na contribuição para refletirmos sobre o devir da análise de conteúdo, a partir de outras abordagens e epistemologias, tomando por base os achados científicos de forma interdisciplinar, para que possamos, em um horizonte futuro, aprimorar sua aplicação mitigando as possibilidades de erro na construção do conhecimento científico.

Na seção a seguir, apresentamos contribuições da neurociência para a compreensão do discurso evocado por participantes da pesquisa, objeto ao qual a análise de conteúdo busca investigar.

2. Contribuições da neurociência para a análise de conteúdo

Os estudos do campo da neurociência têm contribuído de forma significativa para que possamos entender como a memória é evocada por sujeitos, seu processo de organização e seu contorno sócio histórica (Bartlett, 1932; Flavell; Wellman, 1977; Besken; Mulligan, 2013; Fandakova *et al.*, 2017; Candau, 2020). Nosso primeiro ponto de parada nas teorias da neurociência está na apreensão de dois conceitos, metamemória e esquemas mentais.

Partimos da ideia geral que os discursos são evocados pelas pessoas em um recorte temporal, mais ou menos próximo, através de sua “memória [que] permite a “repetição” da história, mas os sentidos se deslocam, porque na língua é possível estabelecer um jogo das subversões” (Souza, 2014).

Em sua abordagem inicial, a metamemória é compreendida como o conhecimento e a consistência de cada pessoa sobre suas memórias (Flavell; Wellman, 1977).

Uma pessoa tem metamemória se sabe que algumas coisas são mais fáceis de lembrar do que outras, está ciente de que um item está prestes a ser lembrado enquanto outro item é totalmente irrecuperável no momento, e muitas outras coisas que estamos prestes a lembrar. Como a metamemória se refere à cognição sobre um tipo de atividade humana, é claro que é uma forma de cognição social (Flavell; Wellman, 1977, p. 4-5, tradução nossa).

A metamemória é frequentemente dissociada de precisão, por estar sujeita a crenças subjetivas da pessoa e a julgamentos sobre a própria memória, além de depender da fluência perceptual, em que itens que são facilmente percebidos são rememorados de forma facilitada (Besken; Mulligan, 2013).

Quando tratamos de estímulos sociais e não-sociais, experimentos têm demonstrado a ilusão da origem da memória, uma ilusão de expectativa de participantes da pesquisa, ao cometer equívocos metacognitivos sobre a memória que dá origem ao evento a ser rememorado, mesmo em situações de relevância (Schapera; Kuhlmann; Bayena, 2019; Schapera; Mieth; Bell, 2019; Mieth *et al.*, 2020).

Dessa forma, a metamemória demonstra as representações que as pessoas têm de suas próprias memórias, do conhecimento que possuem e os discursos que construímos sobre essas memórias (Candau, 2020). Não se trata de lembrar do evento, fato ou acontecimento, mas antes de refletir sobre o que se rememora, uma construção que também social e perpassa a história de vida da pessoa.

A habilidade desenvolvida por, por exemplo, crianças e adolescentes em refletir sobre a precisão e a confiabilidade de seu processo de rememoração, está diretamente ligada à aprendizagem, refletindo na autoavaliação das habilidades cognitivas e na tomada de decisão dessas pessoas (Fandakova *et al.*, 2017; Candau, 2020). A pessoa que estuda e diz “vou me dar bem na prova” por lembrar do que estudou ou a famosa expressão “estudei, mas deu branco”, ambas são expressões comuns a estudantes e que expressam, por meio da linguagem, sua relação meta memorial.

Essa construção de conhecimento discursivo, sobre um determinado assunto, pode ser impactada pela ilusão da memória, nas representações que as pessoas fazem sobre suas memórias na forma discursiva. Existe aqui, portanto, uma fragilidade, as pessoas lembram sobre o que elas lembram, e não sobre o evento real, e quanto maior for a diferença temporal

e/ou a distorção social, maior a possibilidade de ilusão causada pela metamemória (Schapera; Kuhlmann; Bayena, 2019; Schapera; Mieth; Bell, 2019; Mieth *et al.*, 2020).

A memória, portanto, não é uma caixa para armazenamento das informações que você acessa e descreve com exatidão, nosso cérebro é adaptativo e, portanto, tem alta capacidade compensatória, que influi no processo de lembrar as informações, os fatos e os acontecimentos. Certos vazios podem ser completados de forma natural pela nossa mente, tendo como base experiências e informações do passado, sem, contudo, esse preenchimento recorrer à experiência real (Liu *et al.*, 2014; Fatehi, 2016).

Metamemória então é um conceito da neurociência sobre a construção social do nosso entendimento sobre nossa própria memória e sua consistência, que compreende parte da complexidade do processo de lembrança. Não obstante, outras estruturas complexas da nossa mente contribuem e distorcem a evocação das memórias, associadas a nossas experiências de mundo e como nós encodamos fatos, eventos e informações.

Bartlett (1932), afirma que as memórias são encodadas na nossa mente a partir da associação de várias áreas, quando uma nova informação é encodada, depende do seu conhecimento anterior à capacidade para lembrar essa informação. Essa disposição está diretamente ligada a quantas informações anteriores estão associadas a essa primeira informação, advinda do passado de sujeitos (Bartlett, 1932).

A capacidade de lembrança, portanto, está associada ao conhecimento esquemático do mundo, os esquemas mentais, em que as informações, acontecimentos e fatos são mais ou menos consistentes, ao longo do tempo, sendo sua associação por meio das várias áreas do cérebro e das nossas experiências passadas, evocadas no processo singular de lembrança (Bartlett, 1932).

Os discursos de participantes da pesquisa, lembrados de suas experiências, ao longo de uma temporalidade, são expressos não por verdades, mas por esquemas mentais, evocados sobre aquilo que essas pessoas lembram sobre aquilo que elas lembram.

Salienta-se que pessoas são diferentes e têm diferentes formas de construir seus esquemas mentais. Por exemplo, pessoas com espectro de afantasia não constroem ou constroem poucas imagens em suas mentes, seu processo de lembrança ocorre na descrição, no uso da linguagem, tato, cheiro e emoções (Fox-Muraton, 2020). Essas pessoas se expressam, por exemplo, através linguagem, para lembrar objetos, cores, formas, pessoas, o que não quer dizer que elas não se lembrem de imagens, mas que existem outros

esquemas mentais ligados a evocação de suas memórias que não partem da formação de imagens mentais (Jacobs; Schwarzkopf; Silvano, 2018).

Os problemas mais persistentes da recordação dizem respeito às maneiras pelas quais as experiências passadas e as reações passadas são utilizadas quando algo é lembrado. De um ponto de vista geral, parece que a explicação mais simples disponível é supor que, de quando qualquer evento específico ocorre algum traço, ou algum grupo de traços, é feito e armazenado no organismo ou na mente. Mais tarde, um estímulo imediato (re)excita o traço, ou grupo de traços, e, desde que seja feita uma suposição adicional de que o traço de alguma forma carrega consigo um sinal temporal, a (re)excitação parece ser equivalente à rememoração (Bartlett, 1932, p. 197, tradução nossa).

De certo é que os esquemas mentais variam, de pessoa para pessoa. Esses esquemas adaptativos do cérebro, ligados a experiências de pessoas, constroem seus discursos a partir do processo esquemático mental da rememoração. Nesse processo, as brechas são compensadas com informações associadas ao que tratamos por metamemória, da história de vida e formação, do repertório e dos esquemas mentais das pessoas.

O discurso, portanto, possui verossimilhança, mobilizada nas práticas sociais, os saberes e crenças que são compartilhadas entre pessoas através da linguagem, que são evidencialidades, ou seja, a construção por trás de discursos que leva em conta a origem dos saberes transmitidos (Paveau, 2013).

Discursos, portanto, não podem ser compreendidos como verdades absolutas por nós pesquisadores e pesquisadoras, mas como uma construção mental, social e histórica complexa, elaborada por pessoas, que leva em conta a consistência dessas informações. Os discursos, como objeto de pesquisa, nos auxiliam a compreender fenômenos mitigando a chance de erro em nossas análises, uma vez que reunirmos evidências discursivas sobre um fenômeno, tema ou acontecimento.

Na seção seguinte, trataremos de uma das epistemes mais utilizadas para a análise de conteúdo, a fenomenologia através do interpretativismo, apresentando uma crítica a partir das contribuições da neurociência presentes na atual seção.

3. Crítica à fenomenologia e ao interpretativismo

As análises interpretativistas tem sido amplamente utilizada na pesquisa educacional nos programas de pós-graduação brasileira, no campo de pesquisa em administração, psicologia, enfermagem, nas ciências humanas e ciências sociais (Vieira *et al.*, 2013; Moreira, 2014; Sousa; Galiuzzi; Schmidt, 2016; Deslandes; Iriart, 2012; Caixeta; Pegoraro; Goto, 2021;

Castro; Gomes, 2011). Essa técnica de análise de dados toma por base a fenomenologia como paradigma da construção do conhecimento, estabelecendo uma relação sujeito-objeto-sujeito, na investigação de evidências que possam explicar fenômenos sociais complexos.

A fenomenologia tem suas bases epistemológicas em oposição ao positivismo, compreendendo que pesquisadores e pesquisadoras se relacionam com seu objeto de pesquisa de forma sensível, no sentido da alteridade; e, privilegiada, na relação sujeito-objeto-sujeito; sendo o conhecimento construído a partir dessa episteme baseado na leitura e interpretação do fenômeno a partir dos entendimentos da pessoa participantes da pesquisa (Van Manen, 1990).

Como método, a fenomenologia busca identificar a essência das relações humanas, e como técnicas, essas experiências são descritas de forma extensiva, a partir da interação com um pequeno número de pessoas, mas de forma extensa e intensa, em que busca reconhecer padrões e relações significativas (Moustakas, 1994).

Nesse sentido, o conhecimento fenomenológico é um construto interpretativista edificado a partir da linguagem de sujeitos, construtos internos das pessoas, observadas por pesquisadoras e pesquisadores, que as descrevem minuciosamente e as interpretam a partir desses discursos, seus significados, a linguagem e seu comportamento de forma heterônoma (Moreira, 2002).

Compreendido que as pessoas, tanto participantes da pesquisa quanto pesquisadoras e pesquisadores, estão sujeitas a criarem discursos que não representam a realidade per se, evocados de uma ilusão da memória por seus esquemas mentais e a metamemória (Bartlett, 1932; Flavell; Wellman, 1977; Schapera; Kuhlmannb; Bayena, 2019; Schapera; Mieth; Bell, 2019; Mieth *et al.*, 2020) inexistente essa possibilidade de heteronomia na interpretação dos dados, uma vez que, na relação sujeito-objeto-sujeito, estabelecemos relações sociais que afetam a forma como encodamos nossas memórias (Bartlett, 1932).

As análises realizadas por pesquisadores e pesquisadoras, sobre o discurso falado ou escrito, por parte de participantes da pesquisa apresenta o viés analítico, em que a história de vida e formação, a metamemória, os esquemas mentais e o repertório construído pelas pessoas que analisam, fazem parte lógica do entendimento dos enunciados de qualquer discurso.

Nesse sentido, a análise do tipo interpretativista é recheada do viés de quem analisa, em que as experiências de quem analisa se torna o fio condutor do processo de análise.

Nossas memórias não estão guardadas em uma caixa em que podemos deixá-las trancadas, mas antes, elas influenciam nossa percepção (re)excitando traços que são evidenciados pela nossa mente, em decorrência daquilo que não parece importar (Bartlett, 1932). Esse é um processo natural, recheiar as falhas com informações, de forma compensatória, para evidenciar as informações tidas como importantes em detrimento aquelas que estão no plano de fundo dos discursos, esse é um aspecto cognitivo do ser humano (Liu *et al.*, 2014; Fatehi, 2016).

O que não é natural, no entanto, é circunscrever o entendimento do fenômeno à relação entre quem pesquisa e participantes da pesquisa. Se o fenômeno está descrito, compreendido e explicado a partir da relação sujeito-objeto-sujeito, logo, a realidade passa a ser artificialmente construída por essa relação. Ela não leva em consideração o contexto de quem fala e os motivos da fala, do ser que é mais que o discurso, do fenômeno que está além do ser social participante da pesquisa.

Deixa-se de investigar a realidade e aquilo que afeta a realidade através de métodos e técnicas sistematizadas, para circunscrever a realidade a partir de uma experiência pontual, um recorte da realidade, que é apresentado como realidade. Esse construto artificial, portanto, recai sobre a filosofia, o pensar o ser e o mundo a sua volta, movimento anterior à ciência.

Na fenomenologia do espírito, Hegel propõe o discurso como a exteriorização do ser, que abandona o seu interior, para logo depois, compreender a linguagem como o ser em si (Safatle, 2008). Essa contradição, portanto, se dissolve na essência do Eu, a despossessão de Si, desaparecendo em um Eu universal, enquanto a formação da consciência (Safatle, 2008). A linguagem, na fenomenologia, vem antes da interação do ser humano com o mundo, em que se pensa o mundo para depois interagir com seu entorno, também por meio da linguagem, que ora é a exteriorização do ser, outra o ser em si, da essência do Eu ao Eu universal que existe com ser antes do ser social.

O interpretativismo fenomenológico é uma episteme idealista, que tem o ser como centralidade do fenômeno, em que sua formação de consciência é anterior a interação com o mundo, buscando uma heteronomia impossível na relação sujeito-objeto-sujeito, limitando a interpretação dos dados e, portanto, a investigação científica do fenômeno a um paradigma que tenta circunscrever a realidade nos seus resultados.

Os discursos contribuem, nesse sentido, para a construção do conhecimento sobre aquilo que está sendo pesquisado, não obstante, para mitigar problemas de análise advindos de um interpretativismo construído pelos esquemas mentais, metamemória, história de vida e formação e do repertório de quem pesquisa, a contribuição da análise crítica, relacionando os contextos daquilo que está sendo dito, se torna essencial. São essas contribuições que abordaremos na próxima seção.

4. Análise crítica de conteúdo

Em vista a romper os limites apresentados pelo interpretativismo como forma de análise e da fenomenologia como epistemologia, a presente seção se debruça sobre a análise crítica de conteúdo como processo de análise, que toma por base o materialismo histórico-dialético como unidade de construção do conhecimento.

A proposta da análise crítica se baseia no ser humano como ser social, invertendo a lógica hegeliana, em que o ser humano se relaciona para então tomar consciência do mundo a sua volta, assim sendo, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (Marx; Engels, 1993, p.37).

Essa consciência, portanto, se dá na interação de seres humanos com o meio material e entre as pessoas, uma linguagem da vida real, que é uma emanção direta do comportamento material (Marx; Engels, 1993).

Da necessidade desse intercâmbio entre as pessoas e com a natureza surge a consciência e também a linguagem, ambas, na construção da vida material (Ortiz, 2012) como processo de formação de consciência, paulatino e histórico, um produto social enquanto existir a humanidade. “A consciência é, naturalmente, antes de mais nada mera consciência do meio sensível mais próximo e a consciência da conexão limitada com outras pessoas e coisas situadas fora do indivíduo que se torna consciente [...]” (Marx; Engels, 1993, p. 43).

A análise crítica, nesse sentido, contribui com a análise de conteúdo ao compreender o ser humano como ser social, que está além da relação sujeito-objeto-sujeito, formando sua consciência e expressando seus discursos na relação com o mundo e com as pessoas. Dessa forma, considerar o contexto como unidade na análise crítica mitiga a artificialidade do interpretativismo, que prega a unicidade do sujeito como arquétipo de construção do conhecimento, na busca pela compreensão do ser humano como ser social (Pêcheux, 2015b).

Isso não quer dizer, contudo, que a objetividade é a ética do fazer científico, ela é a forma de realização, uma racionalidade construída historicamente a partir da dialética

impressa nas relações de reprodução e transformação do conhecimento (Pêcheux, 2015b). Nesse sentido, para além do discurso dos sujeitos, em sua prática discursiva, estão inseridas as práticas sociais, que não representam só o indivíduo, mas também as relações que este estabelece e o sentido que as palavras tomam ao passar de uma a outra formação discursiva entre sujeitos (Pêcheux, 2015b).

A análise crítica proposta por Pêcheux (2015b), leva em consideração a formação discursiva de sujeitos como parte de sua formação ideológica, base da análise crítica do discurso e que corrobora, nesse sentido, com a análise de conteúdo, para a ascensão de uma análise crítica de conteúdo que tem como determinante o contexto de quem fala.

Sujeitos geram diferentes formações discursivas sobre o mesmo objeto, sendo a identificação de sujeitos com seu discurso, o elemento central da análise a partir das referências contextuais presentes nessas formações discursivas (Pêcheux, 2015a, 2015b). Os diferentes discursos das pessoas podem, inclusive, se entrecruzam e comunicarem, na medida da concretude linguística, mas nunca serão iguais, a medida em que suas diferenças históricas, sociais, culturais e cognitivas estão presentes em suas falas (SIQUEIRA, 2020; PÊCHEUX, 2015b).

Nesse sentido, o que fazer? As pessoas têm discursos diferentes sobre o mesmo tema, essa formação discursiva está imersa em sua formação de consciência, que leva em conta sua apreensão própria da memória e as relações estabelecidas em sua história de vida para associar essas informações encodadas na mente.

Campo, unidade e organização da análise de conteúdo (Bardin, 1977) em uma análise crítica de conteúdo são categorias do processo de interpretação dos discursos de sujeitos. Mais que o aparente na superfície do discurso, a análise crítica de conteúdo propõem, a partir de sua formação discursiva, investigar as nuances de seus enunciados, evocados por suas memórias. Uma análise crítica se dá, portanto, tendo sujeito de pesquisa como elemento da formação discursiva em conjunto ao que é expresso, para que possamos compreender a construção do discurso e analisar seu conteúdo em vista também do contexto em que expressam seu processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, três noções guiam a interpretação dos dados coletados para uma análise crítica de conteúdo.

A primeira noção de que descrever o discurso não pode estar desassociado da interpretação do discurso, não são elementos separados, entendendo linguagem, portanto,

como parte da realidade (Pêcheux, 2015a). Sendo a realidade o espaço interacional em que o ser constrói sua consciência e dela evoca o discurso, descrever-interpretar, passa, portanto, para além do sujeito, mas da materialidade acerca dessas memórias.

As categorias de análise (Bardin, 1977), nesse sentido, devem expressar o conteúdo da fala a partir da realidade de quem fala. Se torna importante, nesse sentido, o uso de dados socioeconômicos e culturais, por exemplo, que complementem o sentido empregado em uma categoria.

Uma categoria “Jovens negros sofrem violência policial e são marginalizados por residirem em favelas”, sempre será mais factível do que uma categoria “necropolítica”. A primeira descreve a realidade de quem fala em seu contexto, a segunda, é uma unidade de análise de extrema importância para o contexto, mas que não expressa as múltiplas determinantes envolvidas a partir do contexto impresso na realidade analisada.

A segunda noção de que o processo de análise, portanto, deve compreender a capacidade de deslocar o discurso para que ele adquira outros sentidos, oferecendo pontos de derivas possíveis para a interpretação (Pêcheux, 2015a). Essas derivas, capturadas por meio das analogias, exemplos e ancoragens presentes nos discursos, nos permitem aprofundar a interpretação a partir de elementos contextuais em que esses discursos são proferidos, uma vez que o sistema linguístico é também um sistema ideológico a ser reconhecido (Pêcheux, 2015b).

O campo de análise (Bardin, 1977) existe a partir de um contexto social, contexto em que sujeitos se relacionam, a partir da qual evocam seu entendimento do mundo expresso por meio da linguística.

Contextos similares servem como analogias, recuperados através de fontes (jornais, podcast, revistas, sites, documentários, programas televisivos e para internet, etc) que demonstrem, de forma aproximada, a realidade que está sendo analisada, nos fornecendo elementos para que possamos melhor compreender a realidade investigada tendo o discurso como dado sensível da realidade sem incorrer em uma ilusão da memória (Schapera; Kuhlmann; Bayena, 2019; Schapera; Mieth; Bell, 2019; Mieth *et al.*, 2020).

Sendo as memórias evocadas a partir dos esquemas mentais que construímos em nossa história de vida (Bartlett, 1932), excluir o contexto do processo de análise artificializa o processo analítico ao empregar a história de vida de quem analisa, como unidade de análise.

A terceira noção de que o processo não pode deixar de compreender o discurso como uma agitação sócio histórica de sujeitos, construído por meio de associações e relações com o mundo (Pêcheux, 2015a). Os discursos não são vazios de sentido ideológico, eles carregam em seu conteúdo os posicionamentos das pessoas que falam a partir de suas realidades, em que o processo interpretativo considera fatos que podem ser associados de forma direta e indireta ao que está sendo expresso.

Através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa montar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem de tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos da identificação assumidos e não negados.

Face as interpretações sem margem nos quais o interprete se coloca como ponto absoluto, sem outro nem real, trata-se aí, para mim, de uma questão ética e política: uma questão de responsabilidade (Pêcheux, 2015a, p. 56-57).

A responsabilidade do intérprete está em descrever e interpretar os discursos a partir das pessoas que falam, tendo em mente que esses discursos estão além da superfície, falam seres sociais, mediados pelo mundo, com seus valores e ideologias que não podem ser restritos pelo intérprete, mas antes, reconhecidos e associados a realidade de quem fala.

Reconhecer sujeito de pesquisa no discurso é, para além da estética, um compromisso com o real. A interpretação, portanto, não pode ser pautada em categorias, unidades de análise e campo que não dialoga com a realidade de quem fala, o sentido não é produzido pela bibliografia, mas pelo contexto de quem fala a partir da realidade investigada na fricção entre esses elementos, cabendo a pesquisadores e pesquisadoras compreenderem as múltiplas determinantes que convergem nos discursos que estão sendo analisados.

5. Conclusão

A análise de conteúdo é uma técnica de análise de dados qualitativos muito utilizada nas ciências humanas e sociais que foi capturada pelo interpretativismo, tornando a interpretação da realidade impressa nos discursos relativa.

Com o aporte da neurociência, através da metamemória e dos esquemas mentais, compreendemos a forma como os discursos são evocados. Logo, compreendendo que toda a pessoa produz sentido sobre aquilo que fala a partir do contexto em que se relaciona e de como se lembra desse contexto, torna-se impraticável a um ser humano que se desenvolveu em meio a outros seres humanos, garantir a pretensa heteronomia do interpretativismo.

Nesse sentido, propomos a partir da análise crítica, fundamentos epistemológicos e técnicos para uma análise crítica de conteúdo pautada na realidade com base na forma que evocamos nossas memórias, tendo como base a neurociência.

Três fundamentos, portanto, complementam a análise de conteúdo em vistas a se propor uma análise crítica de conteúdo:

- A forma como os dados são descritos necessita incorporar a realidade que está sendo analisada, principalmente nas categorias de análise, que são úteis para expressar as múltiplas determinantes envolvidas nos discursos analisados;
- Sendo os discursos evocados a partir dos esquemas mentais das pessoas que expressão sua realidade a partir da fala, esses esquemas mentais são construídos de forma contextual, estando na analogia expressa por meio de fontes, e não somente da interpretação de quem à analisa em conjunto a uma bibliografia, a estratégia de análise que aproxima o discurso do real;
- As categorias, campo e unidades de análise necessitam ter uma ligação com a realidade de quem fala e não um compromisso com a realidade de quem interpreta ou do academicismo, o sentido é constituído pela fala expressa na realidade, em que as múltiplas determinantes constituídas pelo conteúdo da fala são o espelho de sujeitos de pesquisa.

Dessa forma, compreendemos a análise crítica de conteúdo como uma técnica de análise de conteúdo que entende participantes da pesquisa como seres sociais, que produzem discurso a partir das relações sociais, e busca, no contexto de quem fala e no que se fala, analisar os sentidos expressos através das múltiplas determinantes que envolvem o contexto em que as pessoas se expressam quando evocam suas memórias, a partir dos esquemas mentais, que constroem ao longo de sua história de vida e formação.

Para estudos futuros a aplicação da análise crítica de conteúdo é o passo óbvio. Essa técnica de análise, em oposição ao interpretativismo, pode contribuir como uma abordagem histórico-dialética da representação de mundo participantes da pesquisa que colabora com um entendimento de grupos amplos de pesquisa a partir do contexto, para além da superfície dos discursos.

Referências

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.
- BARTLETT, Frederic C.. **Remembering**: A study in experimental and social psychology. Cambridge: Cambridge Press, 1932.
- BESKEN, Miri; MULLIGAN, Neil W. Easily perceived, easily remembered? Perceptual interference produces a double dissociation between metamemory and memory performance. **Memory & Cognition**, v. 41, 2013.
- CAIXETA, Luís Vicente; PEGORARO, Renata Fabiana; GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia e psicologia da saúde: uma análise da produção acadêmica brasileira. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 27, n. 3, 2021.
- CANDAU, Joël. Memória ou metamemória das origens?. **Caderno de Letras**, n. 37, 2020.
- CASTRO, Thiago Gomes De; GOMES, William Barbosa. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 2, abr.-jun., 2011.
- DESLANDES, Suely Ferreira; IRIART, Jorge Alberto Bernstein. Usos teórico-metodológicos das pesquisas na área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 8., n. 12, dez, 2012.
- FATEHI, Daryoush; SALEHI, Mohammad Gharib; FARSHCHIAN, Nazanin; MOHAMMADI, Mohsen; ROSTAMZADEH, Ayoob. Pareidolia as additional approach to improving education and learning in neuroradiology; New cases and literature review. **Biomedical and Pharmacology Journal**, v. 9, n. 1, p. 81-89, 2016.
- FLAVELL, John H.; WELLMAN, Henry M. **Metamemory**. In: KAIL, Robert V.; HAGEN, John W. Perspectives on the Development of Memory and Cognition. Hillsdale: Erlbaum Associates, 1977.
- FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, jan, 2008.
- FOX-MURATON, Mélissa. A world without imagination? Consequences of aphantasia for an existential account of self. **History of European Ideas**, v. 47, n. 3, ago., 2020.
- JACOBS, Christianne; SCHWARZKOPF, Dietrich S.; SILVANTO, Juha. Visual working memory performance in aphantasia. **Cortex**, v. 105, p. 61-73, 2018.
- LIU, Jiangang; LI, Jun; FENG, Lu; LI, Ling; TIAN, Jie; LEE, Kang. Seeing Jesus in toast: neural and behavioral correlates of face pareidolia. **Cortex**, v. 53, p. 60-77, 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **A Ideologia Alemã**. 9ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MIETH, Laura; SCHAPER, Marie Luisa; KUHLMANN, Beatrice G.; BELL, Raoul. Memory and metamemory for social interactions: Evidence for a metamemory expectancy illusion. **Memory & Cognition**, v. 49, jul., 2020.

MOREIRA, Daniel Augusto. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. **Revista de Administração e Inovação, Administração e Inovação**, v. 1, n. 1, 2004.

MORGAN, David L. Qualitative content analysis: A guide to paths not taken. **Qualitative Health Research**, v. 1, n. 3, fev., 1993.

MOUSTAKAS, Clark. **Phenomenological research methods**. California: Sage publications, 1994.

ORTIZ, Fátima da Silva Grave. Sobre o processo de formação da consciência: limites e potencialidades para a afirmação de projetos coletivos. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 10, n. 29, 2012.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: Sentido, Memória, Cognição**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7ed. Campinas: Pontes editora, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015b.

POTTER, Jonathan; WETHERELL, Margaret; GILL, Ros; EDWARDS, Derek. Discourse: Noun, verb or social practice? **Philosophical Psychology**, v. 3, n. 2-3, 1990.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SCHAPER, Marie Luisa; KUHLMANN, Beatrice G.; BAYENA, Ute J. Metacognitive expectancy effects in source monitoring: Beliefs, in-the-moment experiences, or both?. **Journal of Memory and Language**, v. 107, ago., 2019.

SCHAPER, Marie Luisa; MIETH, Laura; BELL, Raoul. Adaptive memory: Source memory is positively associated with adaptive social decision making. **Cognition**, v. 186, mai., 2019.

SIQUEIRA, Vínicius. Formação discursiva em Foucault e Pêcheux: diferenças e semelhanças. **Colunas tortas**. 2020. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/formacao-discursiva-em-foucault-e-pecheux-diferencas-e-semelhanças/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SOUSA, Robson Simplicio de; GALIAZZI, Maria do Carmo; SCHMIDT, Elisabeth Brandão. Interpretações fenomenológicas e hermenêuticas a partir da análise textual discursiva: A compreensão em pesquisas na educação em ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v.4, n. 6, dez., 2016.

SOUZA, Claudia Pereira de. Discurso e memória. **Estudos Linguísticos**, v. 43, n. 3, set-dez, 2014.

VAN MANEN, Max. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. London: New York, 1990.

VIEIRA, Letícia Becker; SCHAURICH, Diego; PADOIN, Stela Maris de Mello; SOUZA, Ivis Emilia de Oliveira; PAULA, Cristiane Cardoso de; CROSSETTI, Maria da Graça Oliveira. Análise da produção acadêmica de pós-graduação em enfermagem, Brasil, 1979-2010. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental**, v. 5, n. 4, 2013.

WETHERELL, Margaret; TAYLOR, Stephane; YATES, Simeon J. **Discourse as Data: A Guide for Analysis**. London: Sage, 2001.

Sobre os autores

Jeferson Antunes

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), Licenciado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: Jeferson.kalderash@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2969-5788>.

Bernadete de Souza Porto

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professora do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Faculdade de Educação (UFC).
E-mail: bernadete.porto@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2286-3811>.

Recebido em: 24/08/2022

Aceito para publicação em: 01/10/2023